Seção: Artigos

iMagem

Amazônia: Confidencial: Alessandro Falco

Amazon: Confidential: Alessandro Falco

John Fletcher Couston Junior*

Recebido 2026-09-05

Aceito 2026-11-04

* Professor Efetivo da Faculdade de Artes Visuais (ICA/FAV/UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural (PPGPATRI/ UFPA). Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes/ UFPA). Possui Doutorado em Antropologia (PPGA/ UFPA), com pesquisa sanduíche na Universidad del Cauca, em Popayán, Colômbia (primeiro semestre de 2015), e Mestrado em Artes (PPGArtes/ UFPA). Pesquisa Arte Contemporânea, Crítica e Curadoria nas Amazônias. Membro da Associação Fotoativa e da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

Como citar:
Fletcher, J. (2026). Amazônia: Confidencial: Alessandro Falco. *Imagem: Revista de História da Arte*, 8(1). https://doi.org/10.34024/423bn912

Resumo:

Este artigo reorganiza e reapresenta algumas das vias conceituais, multilocalizadas e investigativas, do fotógrafo italiano Alessandro Falco, entre os anos de 2018 e 2025, para a exposição *Amazônia: Confidencial*. Uma vez que esta exposição é assumida como arquivo aberto de histórias tantas vezes contrárias às oficiais, o referencial teórico se volta para autoras e autores como Walter Benjamin, Susan Sontag, Georges Didi-Huberman, Ernani Chaves, Marisa Mokarzel, Rubens Fernandes Junior e Mariano Klautau Filho. *Amazônia: Confidencial*, acreditamos, também pode contribuir para um debate sobre rastros de acesso ao assombro, ao dilema, à dor, à cotidianidade ameaçada, todos componentes de algumas das energias específicas de quem vive sob condições paradoxais no presente do território Amazônico.

Palavras-chave:

Alessandro Falco

Fotografia

Amazônia

Fotojornalismo.

Abstract:

This article reorganizes and re-presents some of the conceptual, multi-sited and investigative paths of the Italian photographer Alessandro Falco between 2018 and 2025 for the exhibition Amazônia: Confidential. Since this exhibition is conceived as an open archive of stories, often contrary to official narratives, the theoretical framework draws on authors such as Walter Benjamin, Susan Sontag, Georges Didi-Huberman, Ernani Chaves, Marisa Mokarzel, Rubens Fernandes Junior and Mariano Klautau Filho. Amazônia: Confidential, we believe, might also contribute to a debate about traces of access to wonder, dilemma, pain, and threatened everyday life—all components of some of the specific energies of those ones who live under paradoxical conditions in the present-day of the Amazonian territory.

Keywords:

Alessandro Falco

Photography

Amazon

Photojournalism

Amazônia: Confidencial: Alessandro Falco

1. Abertura de arquivo

A experiência da narração constitui elo entre diferentes frentes e fontes, tempos e espaços. De acordo com Walter Benjamin (2011a), em seu ensaio sobre o narrador, esta figura se torna referencial a partir de dois tipos arcaicos, o de quem viaja e o de quem, sem sair do seu país, conhece suas próprias histórias e tradições. A figura viajante, portanto, conforma o ensejo de quem tem muito para contar, de maneira a conservar, no decorrer dos séculos, suas características próprias; ao passo que a figura a qual conhece suas histórias e tradições, sem deslocamentos, transfigurada na imagem do camponês sedentário, também delineia outro tipo fundamental de narrador. Para o autor, uma extensão mais complexa do reino narrativo, com maior alcance histórico, só poderia ser compreendida por meio da interpenetração desses dois tipos arcaicos.

No caso da presente análise, focalizada na exposição *Amazônia: Confidencial*, do fotógrafo italiano e radicado em Belém, Alessandro Falco, o reino narrativo ganha centralidade. Composta de imagens as quais engendram histórias e pessoas, imagens de quem viaja e aciona o desejo de compartilhar, *Amazônia: Confidencial* reorganiza e reapresenta algumas das vias multilocalizadas e investigativas de Alessandro Falco para seu processo autoral e comissionado a alguns dos principais veículos internacionais de imprensa. Sob curadoria de John Fletcher, curadoria adjunta de Jomara Santos e Raphael da Luz, a exposição propôs um dossiê poético e político em torno do sublime, do íntimo e dos contrastes fotografados pelas incursões de Falco, entre os anos de 2018 e 2025, nos amplos territórios da Amazônia brasileira.

Apresentada em duas versões na cidade de Belém, Pará, sua primeira montagem ocorreu na *Kamara Kó Galeria*, durante o período de 30 de outubro a 7 de dezembro de 2025, portanto simétrica à ocorrência da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP-30)[1]. A segunda versão, revisada e ampliada, ocorreu na Galeria Graça Landeira, da Universidade da Amazônia (UNAMA), durante o período de 12 de agosto a 19 de setembro de 2026, com supervisão curatorial de Mariano Klautau Filho. Durante o período da segunda

1 A 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP-30) ocorreu em Belém, PA, durante o período de 10 a 21 de novembro de 2025. Sua realização buscou conectar negociações globais diretamente à realidade amazônica.

exposição, vale acrescentar, também foi aberto o *Ciclo de Encontros com a Fotografia: Arte, Discurso e História*, com programação a partir do dia 19 de agosto de 2026, no âmbito do aniversário dos 200 anos da fotografia.

A metodologia empregada na apreciação destas experiências, não obstante, agrega uma base teórica e filosófica, duas facetas práticas como balizas e uma construção interpretativa como documentação de pesquisa. Em sua base teórica e filosófica, partimos do pensamento de Walter Benjamin (2011a; 2011b) e de Susan Sontag (2004), com o intuito de também somar a um debate de quando imagens fotográficas operam a partir da variável do tempo histórico. Nas suas facetas práticas, por outro lado, evidenciamos a estratégia da montagem (Didi-Huberman, 2019), sua conexão com a dissociação prévia do que foi construído e a elaboração de acordos provisórios entre tempos e imagens para a fruição de outras perspectivas de leitura (Benjamin, 2011a). Por fim, em sua etapa interpretativa, seguimos pelos meandros das reflexões de autoras e de autores, como Rubens Fernandes Jr. (2002), Ernani Chaves (2003), Marisa Mokarzel (2014) e Mariano Klautau Filho (2018), reflexões estas fornecedoras de chaves localizadoras em torno da produção fotográfica paraense, produção esta qual entra em conversa Alessandro Falco.

Amazônia: Confidencial, arquivo aberto de histórias tantas vezes contrárias às oficiais, possui rastros de acesso ao assombro, ao dilema, à dor, à cotidianidade ameaçada, todos componentes de algumas das energias específicas de quem vive sob condições paradoxais no presente deste território. Sua materialidade, em exposições na cidade de Belém, possibilita trânsito pelo outro que viaja e decide narrar, narração testemunha de desequilíbrios de uma relação, intrinsecamente, equívoca entre certo eu e o mundo.

2. Notícias das Amazônias

Alessandro Falco[2] chegou à cidade de Belém no ano de 2018, situou residência e assumiu um perfil profissional estratégico para um dos processos de comunicação pela mídia, nesse caso, o de correspondente estrangeiro. Na continuidade de sua interação com o território, percorreu e produziu uma série de trabalhos fotográficos sobre a Amazônia brasileira para grandes canais midiáticos internacionais – Belém, por exemplo, fez-se presente na capa do *The New York Times*, em sua

2 http://www.alessandrofalco.com

primeira incursão[3], com fotografia de Alessandro Falco e matéria de Max Bearak, no âmbito do período da COP-30 (Bearak, 2025).

Acrescido a este dado profissional, o fotógrafo manteve diálogo com a comunidade artística da cidade, o que o levou a participar das duas temporadas[4] do Projeto de Pesquisa *Memórias das Artes Visuais: Arte e Política* (FAV/UFPA e PPGPATRI/UFPA), coordenado por John Fletcher, assistência de pesquisa de Jomara Santos e Raphael da Luz, e com ocorrência na sede da Associação Fotoativa entre 2024 e 2025. Sua participação, nos debates públicos, sobre fotografia e nas duas exposições coletivas deste Projeto – *Navegantes* e *Memórias em Suspensão*[5] – possibilitou um início de prospecção fotográfica em seu acervo para, posteriormente, o planejamento e a realização de sua exposição individual.

A fotografia *Vale do Javari*, de 2023, não por acaso representou uma entrada mais autoral, portanto não ligada a um trabalho comissionado para jornais e revistas, e assumida em seu percurso no Projeto de Pesquisa supracitado e para *Amazônia: Confidencial*. Por configurar uma primeira extroversão no circuito artístico local, a partir das ações na Associação Fotoativa, esta imagem pôde agregar uma pista em que narrativas se sobrepõem – a que a imagem carrega e a que imagem passou a construir em seu lastro na cena artística belenense –, aspecto oportuno para situá-la por introdutória para uma compreensão das jornadas de Alessandro Falco pelas Amazônias.

Um último raio de sol ilumina *Vale do Javari* (Figura 01), de maneira a revelar um território de 8 milhões de hectares de floresta primária, situado entre as fronteiras da Colômbia e do Peru, e lar de mais de 7.000 indígenas, incluindo a maior concentração de povos em isolamento voluntário do mundo.

3 Belém esteve na capa do *The New York Times*, com fotografias de Alessandro Falco e matérias de Apoorva Mandavilli outras duas vezes no período simétrico a sua individual (Edição Internacional, de 20 de agosto de 2026 e Edição Nacional, de 24 de agosto de 2026) na Galeria Graça Landeira (Mandavilli, 2026a; Mandavilli, 2026b).

4 O Projeto de Pesquisa "Memórias das Artes Visuais: Arte e Política" recebeu apoio e parceria da Associação Fotoativa. Seus objetivos se voltaram para debates em torno da imagem na sede da Associação, com a culminância de duas exposições coletivas ao final de cada uma das duas temporadas. Sua primeira temporada ocorreu de 20 de abril a 22 de junho de 2025. A segunda temporada ocorreu de 11 de abril a 20 de junho de 2026.

5 A exposição coletiva *Navegantes*, com curadoria de John Fletcher, assistência de curadoria de Jomara Santos e Raphael da Luz, ocorreu na Associação Fotoativa entre 04 de agosto a 30 de agosto de 2024. A exposição em foto-varal *Memórias em Suspensão*, com curadoria de Jomara Santos e Raphael da Luz, assistência de curadoria de John Fletcher, ocorreu no domingo do 03 de agosto de 2025 na Praça Visconde do Rio Branco, em frente à sede da Associação Fotoativa. E entre 24 e 28 de agosto de 2025 na Universidade Federal do Pará, parte da programação do XI Fórum Bienal de Pesquisa em Artes/ III Jornada Arte Educação Profartes/ UFPA.



Figura 01. *Vale do Javari*, Tabatinga, da série *Javari*, de 2023. Fonte: acervo Alessandro Falco.

Seu plano aéreo, matizado pelas sombras das nuvens, trazia a escrita selvagem do Rio Itaquaí, no oeste do estado do Amazonas. Cercado por florestas, antigo como o tempo, o rio carregava, neste registro de Falco, um relato de luto e de intimidade ante a imensidão. Amigo do jornalista britânico Dom Phillips, o qual havia sido assassinado junto do indigenista Bruno Pereira em 5 de junho de

2022, nesta região, por financiadores de pesca ilegal, Falco pode ser lido, a partir de *Vale do Javari*, em 2023, como um fotorrepórter em que o pessoal e o documental possuem explícita interatuação.

Por meio do pesar transfigurado em gesto fotográfico, Falco já vinha aprofundando uma investigação, muitas vezes, lírica e sugerida em torno da violência e da cotidianidade no território. Talvez por não ceder inteiramente ao recôndito da dor, e sem desconectar o pano de fundo político e conflituoso do Brasil neste período, propôs-se a contar, também, sobre a constituição do silêncio em frente ao inominável, faceta esta que, por meio da montagem com outras imagens, ampliou registros paralelos de significados em fricção (Figura 02).

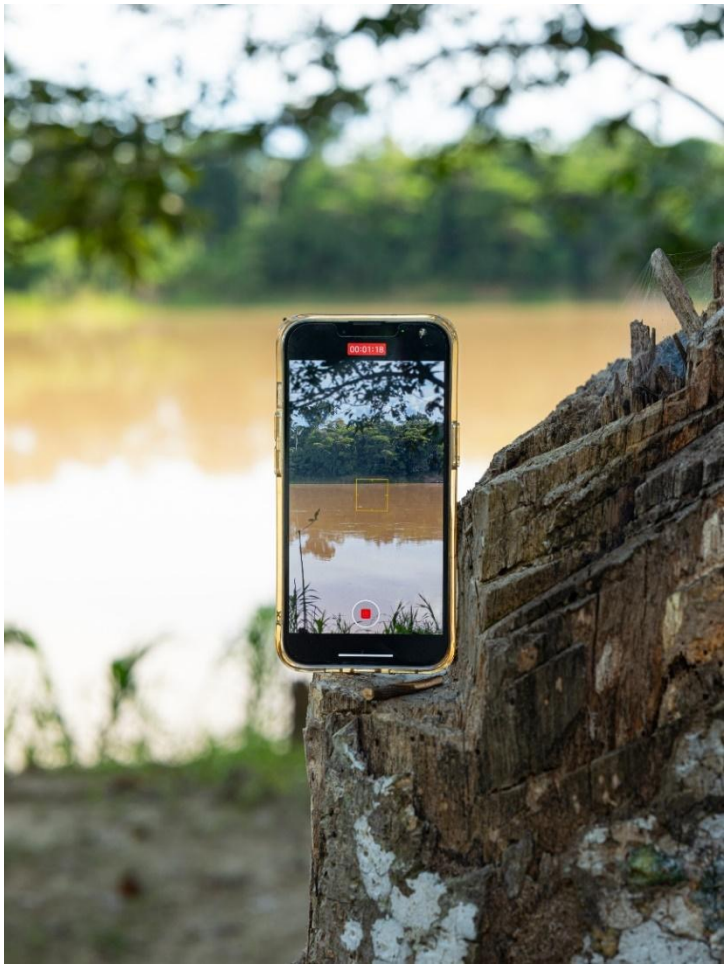


Figura 02. *01:18, área do assassinato de Dom e Bruno*, da série *Javari*, de 2023. Fonte: acervo Alessandro Falco.

A série *Javari* recebeu, ademais, amplitude em *Amazônia: Confidencial*. Se na montagem da Kamara Kó Galeria, a fotografia do seu celular, a gravar um vídeo na área dos assassinatos de Dom e Bruno, trouxe a evidência de linguagens da comunicação em contato, uma metalinguagem do luto, na montagem da Galeria

Graça Landeira, por outro lado, a exibição do próprio vídeo de 01 min e 18 seg. ativou uma espécie de memorial-mausoléu, enquadrado pelos ramos das árvores às margens do Rio Itaquaí. Não seria de todo inegável perceber, em um fotógrafo como Falco, circunstâncias indiciais do devaneio de quem transita entre o sonho e o conflito, o poético e o político, entre uma paisagem paradisíaca, porém assumida como outra na fotografia (ver também Fernandes Junior, 2002; Mokarzel, 2014).

Esta paisagem outra, que não somente a traduzida em composições, mas habitada por fantasmas do inesperado e da violência, tornou-se reduto da sanção que o fotógrafo poderia identificar. Como todo relato carregado pela sanção da morte, espécie de derivação da autoridade, segundo Walter Benjamin (2011a), poderíamos complementar que ela, a morte, insinua-se em certas fotografias de Alessandro Falco "tão regularmente como o esqueleto com sua foice, nos cortejos que desfilam ao meio-dia nos relógios das catedrais" (Benjamin, 2011a, p. 208).



Figura 03. *Meio-dia*, *Manaus*, de 2024. Fonte: acervo Alessandro Falco.



Figura 04. *Ao pôr do sol, uma castanheira em chamas*, *Porto Velho*, de 2019. Fonte: acervo Alessandro Falco.



Figura 05. *A família de Josiane, em busca do auxílio emergencial, Tefé*, de 2024. Fonte: acervo Alessandro Falco.

Desde sua chegada à Amazônia brasileira em 2018, o fotógrafo encontrou uma selva escura[6], possível de fornecer pistas dos eventos de grande densidade histórica e recente do Brasil: as eleições de 2018, com o país fraturado por desinformação e por polarizações políticas; o necropolítico governo federal entre 2019 a 2022; a pandemia de COVID, com todas as incorrências no avanço da mortalidade no país entre 2020 e 2021; os extremos climáticos de 2023 e 2024 na Amazônia; a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP-30), realizada em Belém, Pará, no ano de 2025. Próximo a uma condição anunciada por Walter Benjamin (2011a), ou seja, a de que o narrador tem em si uma dimensão utilitária, dimensão esta que pode consistir em um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou uma norma de vida, Alessandro Falco produziu imagens, atravessado pela posição do fotógrafo e correspondente estrangeiro profissional, de maneira a "menos responder a uma pergunta, que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada" (Benjamin, 2011a, p. 200).

Se seu olhar foi catalizador do avanço dos incêndios na Amazônia em 2024, com um registro do céu de meio dia em Manaus, com características distópicas (Figura 03), indicial e multitemporal foi a proposta da montagem expográfica para sugerir relações menos de difusão de informação e mais de construção de experiências. Este foi o caso para propor interdependência entre os incêndios realizados a partir de 2019, caso dos ocorridos em Porto Velho (Figura 04), e da grande seca de 2024 (Figura 05), episódio documentado por uma família em deslocamento na região do município de Tefé, capital do Médio Solimões, área desértica durante aquele contexto e no qual, antes, corria um rio.

Susan Sontag (2004), dentro deste campo de estímulos entre imagens interrelacionadas, pode nos ajudar a refletir sobre as transformações pelas quais o tempo opera sobre fotografias. Com o escape das intenções de seus criadores, caso este mesmo em que as imagens de Falco são deslocadas de seus objetivos originários, leia-se da imprensa, estas imagens passam a designar um tempo particular e irrepetível, de ampla atenção para a fruição visual. Por conseguinte, são imagens de potencialidade discursiva e que nos fazem estranhar um país ainda em desacordo entre a emergência da proteção socioambiental da Amazônia; o neocolonialismo interno/ externo, sem ética e hierarquizante do capitalismo

6 Este termo, em função conotativa, se refere à *Divina Comédia*, de Dante Alighieri (2001), em uma referência também ao período de transformação pessoal causado no alvorecer da maturidade. Este texto, no processo curatorial, surgiu espontaneamente como referência para a construção de alguns dos significados narrativos em *Amazônia: Confidencial*.

tardio; as cisões político-ideológicas as quais manejam o território a partir de seus objetivos particulares (ver também Figuras 06 e 07).



Figura 06. *Cowboy*, *Apuí,* de 2020. Fonte: acervo Alessandro Falco.



Figura 07. *Templo evangélico*, *Terra Indígena Karitiana, Rondônia,* de 2019. Fonte: acervo Alessandro Falco.

Torna-se palpável pela fruição, então, a construção de significados entre datas, localidades e política. Os constantes avanços de forças diametralmente opostas às dos grupos sociais, historicamente, ligados à região, ou mesmo o surgimento de paradoxos entre aqueles e aquelas que ocupam e se tornam algozes e vítimas de um projeto de exploração que as ultrapassam, convocam a percepção de um inconsciente ótico sobre e a partir das Amazônias na exposição. Seria, nesse caso, admissível evidenciar o lastro de convergência entre um registro de Falco de um templo evangélico em uma construção tradicional na Terra Indígena Karitiana e a figura de um *cowboy* anônimo (*namenlose Menschenbilder*), registrado em Apuí, nova fronteira agrícola. Haveria neste cowboy, ordenado pelo fazendeiro e dono das terras em que trabalhava para colocar fogo em mata virgem, algo de aproximável da imagem-rastro deste grupo indígena reestruturado ideologicamente a apoiar um projeto para a sua própria subversão cosmológica?

Talvez seja a intensidade do olhar do *cowboy*, que reclama, inflamado, o diferenciador da imagem e se fixa numa distância catastrófica (*unheilvolle Ferne*), resposta às afinidades eletivas em *Amazônia: Confidencial.* Torna-se, igualmente, por meio do olhar da câmera de Alessandro Falco, possível mergulhar em outra dimensão do visível, pois o fotógrafo tem, diante de si, "uma natureza que o olho natural jamais é capaz de ver e de apreender" (Chaves, 2003, p. 183), o encontro de uma tessitura histórica da catástrofe, caso do contraste impensável entre uma religião neopentecostal e uma casa tradicional indígena. Por conseguinte, não se trata apenas de pensar que o revelado pela fotografia de Falco seria unicamente a ocorrência tal qual ela é, mas da de outra ordem, a do imperceptível, na medida em que a realidade apenas chamusca a imagem (ver também Klautau Filho, 2018).

Essa condição de que toda imagem contém algo que foi definitivamente perdido, do qual restam indícios, torna-se acesso mágico de "um futuro possível, mas que nos obriga a olhar para trás" (Chaves, 2003, p. 183). Não obstante, configura recusa de um tempo vazio e homogêneo, portanto afastado da perspectiva desenvolvimentista de uma operação do tempo cronológica. Semelhante a olhares polissêmicos de tantas outras imagens históricas – pensemos na fotografia de Karl Dauthendey, pioneiro do daguerreótipo na Alemanha, ao lado de sua mulher, em fotografia tirada por seu próprio filho, cujo olhar dela se apresenta distante e oracular –, o olhar do *Cowboy*, em Alessandro Falco, é saturado por um elenco de mortos não humanos e super-humanos de uma fronteira agrícola gananciosa e destrutiva. É, por assim dizer, não a representação de um indivíduo diferenciado, mas de um tipo histórico, o tipo sádico.



Figura 08. *Barqueiro, Tefé,* de 2024. Fonte: acervo Alessandro Falco.

Uma vez que, na continuidade dos debates elencados pelo filósofo Ernani Chaves (2003), o oferecido à câmera não se trata de uma "alma" de seres e paisagens, com o próprio autor podemos chegar em outra fronteira da compreensão imagética para as obras de Alessandro Falco, nesse caso, a de corporeidade e a de fisiognomia. A fotografia, enquanto imagem, não se esgota em uma opção de comunicação e, no caso do retrato de um rosto e de uma cena, pode ser lida em uma significação nova e imensurável a qual não se reduz ao retrato e à paisagem somente (ver também Klautau Filho, 2018). Esta sua não redução pode ser um vetor que ajuda a ler, em *Amazônia: Confidencial*, uma galeria fisiognômica, repleta de histórias as quais narram as transformações recentes ocorridas na Amazônia brasileira (Figura 08).

Como bem destacou Ernani Chaves,

> Transformar o retrato e a paisagem em imagem e fisiognomia é a tarefa redentora da fotografia. Convicção que Benjamin, à época, partilhava com as vanguardas artísticas e com os teóricos do cinema russo. A "reprodução técnica", exatamente por ser "técnica", não é mera "imitação", pois a técnica mais exata é aquela que, justamente, revela o valor mágico, o "imperceptível" da imagem. A pergunta acerca do caráter artístico da fotografia se inverte, pois, o tribunal e as regras do jogo mudaram completamente. Cabe agora perguntar pelas mudanças no próprio conceito de arte impostas pela fotografia. Mudanças que vão além do próprio terreno da Estética, pois, ao considerá-la como uma "teoria da percepção" e não mais como uma "teoria do belo", Benjamin a transforma em uma nova "ciência-guia" (*Leitwissenschaft*), que toda tentativa de compreensão do mundo contemporâneo não pode dispensar (Chaves, 2003, pp. 188-189).

Por compreendermos que analogias também são construídas em ambientes expositivos – pensemos que a relação entre narração e ouvinte é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado, arquivo compartilhado –, *Amazônia: Confidencial* recorre a um acervo de quase 10 anos de viagens pelas Amazônias, ou seja, as experiências de Alessandro Falco e, em grande parte, as experiências dos outros e das outras encontradas nestas jornadas. Tal qual um vórtice temporal entre o mais íntimo do fotógrafo e o ouvido/ fotografado por ele, o destino da exposição é o de também ser uma coordenação de fragmentos, oportunidade de leitura "do presente como um 'agora', no qual se infiltraram estilhaços do messiânico" (Benjamin, 2011b, p. 232).

A Imagem, o Narrador

A meio caminhar de nossa vida
fui me encontrar em uma selva escura:
estava a reta a minha via perdida.
Ah! que a tarefa de narrar é dura
essa selva selvagem, rude e forte,
que volve o medo à mente que a figura.
(Alighieri, Dante, 2001, p. 25).

Amazônia: Confidencial é um projeto expositivo e de pesquisa iniciado ainda no ano de 2024. Articulado em diálogo e em negociação com Alessandro Falco, sua ocorrência em galerias de arte de Belém também foi propositiva para evidenciar uma faceta significativa de narrador no fotógrafo e a partir de seu percurso entre imagens e territórios. Com uma carreira que se inicia ainda na Medicina Veterinária de espécies aquáticas na Itália, filho de mãe venezuelana e pai italiano, com memórias de infância ligadas à Venezuela, conquistou prêmios como o *Lugano Photo Awards*, ano 2021, e o *Wildlife Photographer of the Year*, ano 2023, aspectos todos estes também ressonantes nas lentes pelas quais seu olhar opera[7].

Não deixa de ser oportuno, não obstante, acrescentar que a jornada de Alessandro Falco constitui mais um elo de um longo e profícuo caminho de artistas italianos com este local[8], ênfase na própria cidade de Belém. Localizada na foz do Rio Amazonas, Belém tornou-se referência para Alessandro Falco, não só situar residência, mas também para participar da cena artística como tensionador de memórias: ativação e forma à perplexidade histórica, convite à emancipação e ao debate crítico (ver também Didi-Huberman, 2017).

Por sabermos que "o narrador é a figura no qual o justo se encontra consigo mesmo" (Benjamin, 2011a, p. 221), sua escritura do tempo/ espaço torna-se aspecto interpretativo em Alessandro Falco e em sua poética muito mais ligada aos termos de uma apresentação do que de uma representação dos eventos extremos pelos quais este território passou nos últimos anos (ver também Seligman-Silva, 2003). Interseccionado por uma leitura benjaminiana com vias para instrumentalizar-nos na leitura dos testemunhos, leitura esta central para os debates em torno da memória, destacamos que a construção interpretativa das imagens de Alessandro Falco em *Amazônia: Confidencial* visa a acrescentar outro ângulo de visão para este Atlas de imagens que aqui se constitui.

7 Acrescido a estes dados, podemos complementar com sua participação em exposições no *Natural History Museum*, de Londres, ano 2023; no CCCB Barcelona, ano 2024; no World Humanitarian Summit das Nações Unidas, em Instambul, ano 2016; no Museum of Humanity, em Amsterdam, ano 2016; no Somerset House, em Londres, ano 2012, mas nunca no Brasil até 2024. Alessandro Falco possui obras, por conseguinte, na coleção da *Bibliotheque Nationale de France*, em Paris, e na *Fondazione Zimei*, na Itália.

8 Belém possui histórico longevo com artistas e arquitetos italianos desde, pelo menos, o século XVIII. Giuseppe Antonio Landi, Giuseppe Leone Righini, Alfredo Norfini, Domenico de Angelis, Filinto Santoro e Armando Balloni são alguns dos nomes de destaque neste mapeamento, por exemplo. Levantados pela tese de Maria Angélica Almeida Meira (2018), sua referência também é oportuna para identificar artistas do Pará que, igualmente, passaram temporadas na Itália para aprimoramento de seus estudos artísticos, caso da pintora Antonieta Santos Feio.

Vivemos um período em que as catástrofes têm ganhado cada vez mais o estatuto de cotidiano nas nossas vidas, em nossas notícias. Por conseguinte, o lembrar-se e sua impossibilidade intrínseca atuam como constituintes das chaves de leitura para as afinidades e semelhanças que nos desorientam. Como bem destacou Walter Benjamin (1987, p. 73), em seu texto *Tiergarten*, o perder-se numa cidade ou em uma floresta requer instrução, uma vez que "o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto ao ser pisado". Com Alessandro Falco, encontramos um fio de Ariadne para atribuir significado a certos labirintos entre cidades e florestas nas Amazônias.

Referências

Alighieri, D. (1999). *A Divina Comédia*: Volume I – Inferno. Editora 34.

Bearak, M. (2025, November 21). As world pursues clean power, millions still have no power at all. *The New York Times*, Edição Nacional, p. 4.

Benjamin, W. (1987). Tiergarten. In *Rua de Mão Única* (Obras escolhidas, Vol. 2). Brasiliense.

Benjamin, W. (2011a). O Narrador: Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov. In *Magia e Técnica, Arte e Política*. Brasiliense.

Benjamin, W. (2011b). Sobre o Conceito de História. In *Magia e Técnica, Arte e Política*. Brasiliense.

Chaves, E. (2003). Retrato, Imagem, Fisiognomia: Walter Benjamin e a Fotografia. In *No Limiar do Moderno*: Estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin. Paka-Tatu.

Didi-Huberman, Georges (2017). *Levantes*. Edições Sesc São Paulo.

Didi-Huberman, Georges (2019). *Diante do Tempo*: História da Arte e Anacronismo das Imagens. Editora UFMG.

Fernandes Junior, R. (2002). Militância Política e Dissonância Poética. In *Fotografia Contemporânea Paraense*: Panorama 80/90. Secult.

Klautau Filho, M. (2018). Retratos: Álbuns, Encenações e Fisionomias do Espaço. In M. Klautau Filho, M. Felinto, & J. Fletcher (Orgs.), *VIII Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia*: Poéticas e Lugares do Retrato (pp. 13–19). Diário do Pará.

Mandavilli, A. (2026a, August 20). Brazilian city embraces a creative new strategy to combat a health threat. *The New York Times*, Edição Internacional, pp. 1–2.

Mandavilli, A. (2026b, August 24). To fight pestilence, a city enlists its citizens, and drafts its mosquitoes. *The New York Times*, Edição Nacional, pp. 1–2.

Meira, M. A. A. de. (2018). *A paisagem como espólio: Arthur Frazão e o Grupo do Utinga (1940–1960)* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional UFPA. <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/10327>

Mokarzel, M. (2014). *Navegante da Luz*: *Miguel Chikaoka e o Navegar de uma Produção Experimental*. Kamara Kó Fotografias.

Seligmann-Silva, M. (2003). Catástrofe, História e Memória em Walter Benjamin e Chris Marker: A Escritura da Memória. In M. Seligmann-Silva (Org.), *História, Memória, Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofe*. Editora da Unicamp.

Sontag, S. (2004). Evangelhos Fotográficos. In *Sobre Fotografia*. Companhia das Letras.